

BOURDIEU E AS ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO NO ENSINO SUPERIOR FRANCÊS

*Bourdieu and the distinction strategies in french superior education*Norberto Dallabrida¹

RESUMO

Em 1989, Pierre Bourdieu publicou *La noblesse d'état: grandes écoles et esprit de corps*, uma obra volumosa e densa sobre a elitização das chamadas *grandes écoles* francesas. O presente trabalho se propõe a fazer uma leitura dessa obra, com o intuito de compreender a perspectiva teórica de Bourdieu em relação ao campo educacional. Bourdieu analisa as *grandes écoles* como instituições formais das elites francesas, que têm a função de lapidar o *habitus* burguês e distinto de seus estudantes, oriundos – com algumas exceções miraculosas – das classes abastadas. Para tanto, a sua análise concebe classe social além da visão economicista, utilizando conceitos que ele criou para analisar o mundo social como capital cultural, capital social e capital simbólico, campo e *habitus*. Em *La noblesse d'état*, portanto, Bourdieu refina a sua análise sociológica, questionando a democratização da educação na França.

Palavras-chave: Bourdieu, *grandes écoles*, distinção, elite.

ABSTRACT

In 1989, Pierre Bourdieu published *La noblesse d'état: grandes écoles et esprit de corps*, a dense and voluminous work on the gentrification of the so-called French *grandes écoles*. The present work aims to make a reading of this work, in order to understand the theoretical perspective of Bourdieu in relation to the educational field. Bourdieu analyzes the *grandes écoles* as formal institutions of the French elite, that have the task of polishing the bourgeois and distinction *habitus* of their students, coming from – with some miraculous exceptions – the affluent classes. For that, his analysis conceives social class as more than the economicist vision, using concepts created by him to analyze the social world as cultural capital, social capital and symbolic capital, field and *habitus*. In *La noblesse d'état*, Bourdieu refines his sociological analysis, questioning the democratization of the education in France.

Keywords: Bourdieu, *grandes écoles*, *distinction*, *elite*.

Nos seus trabalhos sobre educação, Pierre Bourdieu produziu reflexões sociológicas sobretudo em relação ao ensino superior. Em *Les héritiers* (BOURDIEU E PASSERON, 1985), obra produzida em co-autoria com Jean-Claude Passeron e publicada em 1964, o foco foi colocado sobre as Faculdades de Letras da França, na década de 1960, procurando mostrar como a origem social e geográfica dos alunos condiciona as suas trajetórias nos cursos superiores. Cinco anos depois, instigados pelo movimento de 68, esses sociólogos franceses publicaram « A reprodução » (BOURDIEU e PASSERON, 2008), obra enervante sobre os mecanismos reprodutivos do sistema de ensino francês, que argumenta acerca da restrita contribuição da educação escolar para as transformações sociais.

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de História da Educação no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista Produtividade do CNPq. E-mail: norberto@udesc.br

Em 1984, Bourdieu escreveu « Homo academicus » (BOURDIEU, 1984), uma reflexão sociológica sobre o mundo universitário francês e seus impasses na década de 1960. Quatro anos depois, ele publicou, com a colaboração de Monique de Saint Martin, *La noblesse d`état: grandes écoles et esprit de corps* (BOURDIEU, 1989), uma obra volumosa e densa sobre a elitização das chamadas *grandes écoles* francesas – instituições de educação superior, independentes das universidades, que têm por objetivo formar as elites dirigentes e intelectuais. Nestes seus livros sobre o ensino superior francês da década de 1980, Bourdieu explora a “dualidade institucional” entre o sistema universitário e o mundo das *grandes écoles*, uma singularidade francesa que tem raízes históricas. Esse dualismo pode ser verificado em relação à cultura escolar praticada nas *grandes écoles* e nas universidades, bem como no tocante às clientelas que essas instituições de ensino superior atraem e selecionam (VASCONSELLOS, 2006).

O presente trabalho se propõe a fazer uma leitura da análise da cultura escolar nas *grandes écoles* elaborada em *La noblesse d`état*, com o intuito de compreender a perspectiva teórica de Bourdieu em relação ao campo educacional. Cultura escolar é entendida como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001). As instituições escolares, em todos os níveis, operam recortes específicos no conhecimento gerado pela sociedade, de modo que, a partir de critérios políticos e culturais, alguns saberes são selecionados e ressignificados para uso escolar. A cultura escolar envolve também a escolha de estratégias de transmissão e avaliação do conhecimento escolar como o controle do tempo e do espaço, o incitamento ao trabalho regular, o sistema de avaliação, que concorrem para inculcar condutas. No entanto, acredita-se que a análise da cultura escolar deve ser realizada a partir de marcadores sociais tais como gênero, classe social, étnia e religião.

Nesta direção, intenta-se compreender o olhar bourdieusiano sobre as *grandes écoles*, procurando identificar aqueles aspectos da cultura escolar que ele privilegiou. Em *La noblesse d`état*, Bourdieu procura compreender as estratégias de distinção colocadas em prática no interior das *grandes écoles*, leitura que diferencia essa obra dos outros trabalhos do sociólogo francês sobre o campo educacional. Optou-se por analisar *La noblesse d`état* porque se trata da última obra produzida por Bourdieu sobre o campo educacional, em que ele refina conceitos e metodologias formulados desde a década de 1960, especialmente aqueles produzidos em co-autoria com Jean-Claude Passeron. A obra em tela apresenta uma tentativa de entendimento das *grandes écoles* numa perspectiva de longa duração e uma maior abertura de diálogo crítico com historiadores e os sociólogos.

Ademais, em *La noblesse d`état* Bourdieu radicaliza o projeto de problematizar a democratização do sistema público de ensino na França, que vem sendo apresentado pela tradição republicana. Trata-se de uma obra de fôlego, que desdobra e aprofunda a argumentação de Bourdieu sobre o papel decisivo do sistema escolar na conservação das estruturas sociais. Essa obra, que produz uma crítica dura aos mecanismos de elitização das *grandes écoles* francesas, foi publicada em 1989, ano do bicentenário da Revolução Francesa, quando parte da historiografia relia os avanços democráticos da tradição republicana francesa.

“Instituições totais” de elite

Em *La noblesse d'état*, Bourdieu tece considerações sobre as chamadas classes preparatórias às *grandes écoles* (CPGE), cursadas após o ensino secundário. Trata-se de uma singularidade do sistema de ensino superior francês, pois, após a aprovação no *baccalauréat* – exame realizado no final do ensino médio, que confere o diploma de bacharel –, os estudantes geralmente ingressam nas universidades. Contudo, aqueles jovens que desejam preparar-se para o concurso das *grandes écoles*, freqüentam as classes preparatórias – *classes préparatoires* ou simplesmente *prépas*. Essas classes especiais do sistema de ensino francês funcionam no interior de alguns liceus nas principais cidades da França, que têm uma distinção em relação aos outros estabelecimentos de ensino secundário, sendo muito disputados pelos candidatos às *grandes écoles*. Em Paris pode-se citar os casos dos liceus públicos *Saint-Louis*, *Louis-le-Grand* e *Henri IV*, que se localizam em bairros chiques e geralmente são freqüentados por frações da classe privilegiada (VASCONCELLOS, 2006, p.21-24).

A análise bourdieusiana coloca o foco sobre a organização pedagógica das classes preparatórias, preterindo os conteúdos, os programas e as disciplinas. À luz do conceito de cultura escolar de Julia (2001), ao analisar as classes preparatórias, Bourdieu dá importância ao conjunto de regras e, sobretudo, de práticas que concorrem para interiorizar comportamentos. Nesta direção, Bourdieu (1989, p.112) sintetiza:

O que distingue as classes preparatórias de todas as outras instituições de ensino superior é, antes de mais nada, o sistema de meios institucionais, incitações, coações e controles que contribuem para que a vida inteira do que, na França, se convencionou chamar ainda de `alunos` (em oposição a `estudantes`) seja reduzida a uma sucessão ininterrupta de atividades escolares intensivas, rigorosamente regradas e controladas tanto em seu momento quanto em seu ritmo. A importância, do ponto de vista do efeito, é menos o que é explicitamente ensinado do que aquilo que se ensina tacitamente: o essencial do que é transmitido não se organiza em função do conteúdo aparente, dos programas, cursos, etc., mas em função da organização da ação pedagógica.

Bourdieu procura compreender as estratégias escolares colocadas em marcha no interior das classes preparatórias que produzem, ou melhor, reforçam um *habitus* de elite, como o espaço separado, o internamento seletivo, o contato contínuo e prolongado dos alunos, que favorece as ligações afetivas e duradouras e, especialmente, o trabalho intensivo individualizado, incitado pelo clima de concorrência permanente. Desta forma, no campo do ensino superior francês, verifica-se um contraste bem marcado entre as classes preparatórias/*grandes écoles* e o sistema universitário, sendo este último marcado por uma cultura escolar mais aberta e dispersiva. Por isso, Bourdieu coloca em oposição os estudantes, que têm identificação com a educação medieval e são mais livres e até diletantes, e os alunos, disciplinados e enquadrados, cuja tradição emergiu nos colégios modernos (PETITAT, 1994, p.76-106).

O internamento seletivo tem a função de constituir um grupo de alunos socialmente homogêneo, que geralmente é originário da alta burguesia. A convivência permanente e intensa confere ainda mais homogeneidade social aos alunos das classes preparatórias,

que tecem relações afetivas durante a adolescência, sendo geralmente conservadas após o período de estudos superiores. Nesta direção, Bourdieu constata que as boas lembranças da época de estudos nas classes preparatórias e nas *grandes écoles* está relacionada ao fato de que alunos tinham um estilo de vida em comum, viabilizada pela origem privilegiada e pelo clima escolar estimulante.

Na análise das estratégias de produção das elites nas classes preparatórias, Bourdieu cita o internato, que, desde o fim da Idade Média, tem sido o regime próprio da formação de elites. Para ele o internato é o aspecto mais visível das classes preparatórias, mas a estratégia educativa mais importante é a “organização rigorosa de um trabalho intensivo” – comum aos alunos internos e externos. O fulcro da pedagogia das classes preparatórias é a intensa competição entre os alunos com vistas ao sucesso no concurso para ingresso nas *grandes écoles*, que os incita ao uso produtivo do tempo e à alta produtividade. A expressão “estar no espírito de concurso”, utilizada por um professor de história traduz o clima escolar de disputa permanente entre os alunos das classes preparatórias (BOURDIEU, 1989, p.128). Apoiando-se na obra *L`évolution pédagogique en France*, de Durkheim (1938), Bourdieu conclui que a cultura escolar das classes preparatórias assemelhava ao ensino “intensivo e forçado” dos jesuítas, que exigia muito esforço e auto-regulação por parte de professores e de alunos (BOURDIEU, 1989, p.123).

Para tanto, o ensino é muito rotinizado por meio de aulas expositivas e de exercícios regulares, geralmente compostos por problemas e questões dos concursos anteriores para as *grandes écoles*, com algumas modificações. Para caracterizar a “pedagogia autoritária e dogmática” das classes preparatórias, Bourdieu reproduz a fala de um professor da área científica que diz: “Eu me esforço para oferecer aos alunos um curso dirigido ao máximo; o máximo de exercícios dirigidos [...]” (BOURDIEU, 1989, p.130). Esse ritmo escolar em que há mais exercícios do que aulas expositivas, treina os alunos das classes preparatórias para os concursos nas instituições de ensino superior e para as disputas no mundo sócio-profissional.

As estratégias educativas colocadas em marcha no interior das classes preparatórias demandam um corpo docente com perfil específico. Em primeiro lugar, esses professores tiveram uma trajetória escolar exitosa, sendo que a grande maioria ganhou prêmio de distinção no *baccalauréat*, cursou as classes preparatórias e prestou concurso para as *grandes écoles*, especialmente as *écoles normales supérieures*. Em segundo lugar, eles se dedicam religiosamente ao ensino, como “repetidores” e produtores de manuais didáticos, sendo que uma pequena minoria trabalha com pesquisa acadêmica. Por fim, eles têm uma relação intensa e familiar com os seus alunos, que concorre para regular as suas condutas de uma forma panóptica, por meio do controle das diversas atividades discentes como leituras, preparação dos deveres, organização das revisões, regime alimentar, saídas, entre outras. Bourdieu observa que a atitude dos professores das classes preparatórias lembra agentes educativos previstos na *Ratio Studiorum*, como os padres prefeitos e/ou os diretores espirituais.² A atuação orquestrada dos professores muito contribui para

² Os padres prefeitos eram os sacerdotes responsáveis pela disciplina nos colégios da Companhia de Jesus e o diretor espiritual era o padre jesuíta que acompanhava o progresso individual de cada estudante, na vida espiritual e nos estudos (DALLABRIDA, 2001, p.144-145).

configurar as classes preparatórias às *grandes écoles* como instituições de enquadramento, que incitavam os alunos ao trabalho regular e intensivo, tendo como prêmio maior a aprovação nos concursos para as *grandes écoles* (BOURDIEU, 1989, p.124-132).

Para compreender as classes preparatórias às *grandes écoles*, Bourdieu insiste que elas se originaram historicamente dos colégios dos jesuítas, que tiveram presença marcante na França, durante o Antigo Regime, e da universidade napoleônica. Nesta direção, ele as concebe como « instituições totais », que procuram enquadrar os alunos num ritmo de trabalho frenético e intensivo, estimulados pelo laureamento no concurso de ingresso nas *grandes écoles*. Para pensar a cultura escolar das classes preparatórias, Bourdieu poderia ter se apropriado do conceito de instituições disciplinares cunhado por Foucault (1993), que procura ler a formação do processo de controles sociais na sociedade ocidental, mas não contempla uma perspectiva sociológica. Bourdieu faz uma conexão genealógica instigante ao aproximar os colégios da Companhia de Jesus às classes preparatórias que preparam para o ingresso nas *grandes écoles*, mas não desdobra a apropriação da cultura escolar total ou disciplinante por parte do « Estado educador ».

Maçonaria das *grandes écoles*

Em *La noblesse d'état*, Bourdieu lê as *grandes écoles* como instituições formais das elites francesas, que têm a função de lapidar o *habitus* burguês e distinto de seus estudantes, oriundos – com algumas raras e miraculosas exceções – das classes dominantes. Para tanto, a sua análise pensa classe social além da visão economicista, utilizando conceitos que ele criou para analisar o mundo social como capital cultural, capital social e capital simbólico, campo, homogeneidade de *habitus*. E concebe frações de classe social com arranjos de diferentes tipos de capital, dando mais densidade e complexidade à análise dos grupos sociais e suas estratégias de reprodução social. Ao analisar a elite francesa, Bourdieu divide-a, no mínimo, em duas frações: aquela formada por grandes industriais e comerciantes, que têm maior volume de capital econômico e menor volume de capital cultural; e a outra fração, constituída, entre outros, por professores dos ensinos universitário e secundário, artistas e servidores públicos – especialmente de médio e alto escalão –, que geralmente concentram mais capital cultural e menos capital econômico.

Para compreender as *grandes écoles* francesas, Bourdieu reflete sobre a sua função de “consagração” como escolas de elite, colocada em marcha por meio de “operações mágicas de separação e de agregação”. Assim, o concurso às escolas de elite, que estabelece um fosso entre os aprovados e os reprovados, realiza “o ato de divisão que consagra”. A divulgação dos aprovados em diferentes meios de comunicação confere-lhes o prestígio dos eleitos, concentrando capital simbólico perante a sociedade e, em particular, entre as classes privilegiadas. Bourdieu vê semelhança entre o “ato de consagração” da chamada nobreza das *grandes écoles* e o “ato de ordenação” dos cavaleiros na Idade Média, estudada por Marc Bloch na obra *La société féodale, les classes et le gouvernément des hommes* (BLOCH, 1949). Aliás, o título da segunda parte do livro *La noblesse d'état* é, sugestivamente, intitulada “a ordenação”, comunicando essa idéia de distinção de um pequeno e seletivo grupo social. As *grandes écoles*, portanto, estabelecem uma fronteira na

medida em que admitem e preparam “a burguesia de direção”, diferenciada da “pequena burguesia de execução” (BOURDIEU, 1989, p.140-3).

A partir da constituição de suas clientela por meio de uma “separação agregativa”, as *grandes écoles* produzem culturas escolares de elite, que podem ser constatadas por meio da elaboração e da utilização de suas gírias, como na *École Normal Supérieur* – onde Pierre Bourdieu estudou – e a *École Polytechnique*. Além das gírias, a análise “sociológica” bourdieusiana constata a homogeneidade de *habitus* de elite nas *grandes écoles*, comparadas às lojas maçônicas, do qual faz parte também uma *hexis* corporal distintiva. Como *normalien* e sociólogo, Bourdieu (1989, p.110-111) considera:

Mais do que a participação à mesma cultura, no sentido tradicional do termo, isto é, um conjunto de saberes e habilidades legítimos, são, aqui como em qualquer parte, os imponderáveis contidos nas maneiras e no porte, as expressões típicas da gíria escolar, que são um condensado de valores cristalizados, as maneiras de contar piadas, as formas de mover o corpo ou de soltar a voz, de rir, de entrar em relação com as outras pessoas e, em particular, com seus pares, que fundam e mantêm por longo tempo a convivência imediata, bem mais profunda do que a simples solidariedade dos interesses em comum que os condiscípulos partilham e, igualmente, todos os efeitos que se atribui à “franco-maçonaria” das *grandes écoles*.

Bourdieu analisa a produção acadêmica das elites francesas a partir das reflexões sócio-históricas de Norbert Elias, que estudou em detalhes a formação da nobreza cortesã na Europa, durante o Antigo Regime. O sociólogo alemão problematizou o conceito de nobreza, mostrando diferenças entre a nobreza medieval, identificada com as armas, e a nobreza da corte, pautada por costumes civilizados, pelo conhecimento da arte erudita e da língua latina renascentista (BOURDIEU, 1989, p.157). Assim, a nobreza cortesã era formada inicialmente pelos preceptores, que conferiam uma educação requintada, mas deveria sempre estar em processo de auto-regulação. A partir da chave eliasiana, Bourdieu afirma que a nobreza das *grandes écoles* nasce nessa condição, pois, a sua trajetória social e escolar é pontuada por “uma série de atos de consagração”, especialmente durante o ensino secundário e as classes preparatórias e seus respectivos concursos e premiações. Nesta direção, Bourdieu (1998b, p.52) conclui: “se o êxito no nível mais alto do *cursus* permanece muito fortemente ligado ao passado escolar mais longínquo, há que se admitir que as escolhas precoces comprometem muito fortemente as oportunidades de atingir tal ou tal ramo do ensino superior e de nele triunfar. Em síntese, as cartas são jogadas muito cedo”.

No entanto, Bourdieu afirma que é também necessário se constituir como aluno das *grandes écoles*, como por exemplo o *normalien* ou o *polytechnicien*. Para tanto, as escolas de elite impõem aos seus alunos práticas ascéticas, ritmadas por exercícios que procuram conferir uma cultura formal e separar da vida cotidiana. Durante um longo tempo essa exercitação era proporcionada pelos exercícios de gramática formal para aprender o latim e o grego, como se pode constatar nos colégios dos jesuítas ou nos liceus modernos, que estabeleceram na França a partir do início do século XIX. No mundo contemporâneo, em boa medida, a função aparentemente inútil do aprendizado das línguas mortas foi substituída pelo aprendizado das matemáticas modernas. Assim,

independentemente dos conteúdos, o ensino de elite é caracterizado pelos “exercícios ascéticos”, que são refinados e têm o intuito de enraizar na subjetividade dos alunos o auto-controle (BOURDIEU, 1989, p.153-7). Essa auto-regulação como “estilo de elite” é um traço fundamental da “burguesia de direção”, que tem por função estratégica comandar os outros.

No processo de construção da imagem de excelência das *grandes écoles*, os ex-alunos jogam um papel fundamental. Por um lado, por meio da visibilidade dos alunos egressos que têm trajetórias sócio-profissionais exitosas, ou seja, que fazem parte da elite dirigente e intelectual. Esse “trabalho de celebração” (BOURDIEU e SAINT-MARTIN, 1998, p.206) é realizado por meio de ocasiões políticas e/ou culturais e, especialmente, pela imprensa. O acúmulo de capital simbólico dos “antigos alunos célebres” confere prestígio aos estabelecimentos de ensino onde eles estudaram, plasmando “a força da tradição” (BOURDIEU, 1989, p.110-112). A partir do estudo sociológico das *grandes écoles* francesas, Bourdieu coloca em evidência o conceito de capital simbólico, uma forma sutil de exercício do poder. O próprio Bourdieu (2001, p.295-6) dirá que se trata, rigorosamente, de “efeitos simbólicos do capital”, pois todo o tipo de capital (econômico, cultural, social) funciona como capital simbólico. Ele mostra, de forma contundente, os efeitos simbólicos no mundo social do capital escolar acumulado nas *grandes écoles*.

Por outro lado, nas *grandes écoles* há sempre uma articulação com os alunos egressos, viabilizada por meio das associações de ex-alunos e suas respectivas publicações, que constroem um *esprit de corps* elitista. Nessas associações realiza-se manutenção e atualização de capital social (BOURDIEU, 1998a, p.65-69) acumulado durante a convivência intensiva entre pares durante os anos de formação escolar em nível superior. Trata-se de um trabalho sistemático de interconhecimento e inter-reconhecimento de um grupo social privilegiado que tem em comum “afinidade de *habitus*”. Enfim, a passagem pelas *grandes écoles* plasma um estilo de vida distintivo, que envolve a *hexis* corporal, e tece uma rede de relações muito especiais, que geralmente são permanentes e úteis na vida profissional e social.

Entretanto, em relação à clientela de elite das *grandes écoles*, Bourdieu chama a atenção para as exceções miraculosas, formadas por “sobreviventes”, isto é, alunos oriundos das camadas sociais desfavorecidas que conseguem ingressar nas instituições de ensino superior formadora da elite dirigente e intelectual. Para esses casos raros, o sociólogo francês afirma que, desde a origem, eles geralmente são separados por “vantagens secundárias” nas suas trajetórias sociais e/ou escolares, que fazem a diferença no processo de ascensão social (BOURDIEU, 1989, p.144). Sociologicamente falando, trata-se de *trânsfugas* ou de “*trânsfugas* filhos de *trânsfugas*”, que conseguem romper a barreira de sua classe social, mas que não se integram nos grupos de elite de forma solta e relaxada. O *trânsfuga* tem um “*habitus* clivado”, produto de uma “conciliação de contrários”, cujo traço fundamental é “o sentimento de ter sempre de pagar um preço muito elevado por tudo”. Bourdieu é um *trânsfuga*, pois ele é oriundo de uma região periférica da França e de um grupo social desfavorecido, mas conseguiu ingressar no *Collège de France* e obter prestígio como intelectual no seu país e no mundo, como ele mesmo confessa no livro “Esboço de auto-análise” (BOURDIEU, 2005).

É importante também constatar que em *La noblesse d'état*, Bourdieu analisa o subcampo das *grandes écoles* francesas em perspectiva histórica, fazendo incursões nos séculos XIX e XX. Não por acaso, a terceira parte da obra, a mais desdobrada e densa, é intitulada “O campo das grandes écoles e suas transformações”, que indica a compreensão sociológica na longa duração temporal. Nesta direção, Bourdieu constata que entre “as escolas do poder”, na Terceira República a *École Normale Supérieure* era a referência principal para o Estado francês, mas, no período pós-guerra, a *École Nationale d'Administration* (ENA), criada em 1945, vai se impor como formadora da elite dirigente (BOURDIEU, 1989, p. 282-304). Nesse caso, as lutas no subcampo das *grandes écoles* ligadas ao poder político e econômico são lidas em perspectiva histórica, uma inovação em relação as outras obras de Bourdieu sobre o campo educacional. Todavia, o sociólogo francês sublinha a importância de construir “uma verdadeira história estrutural do espaço das *grandes écoles*”, que leve em conta o conjunto do campo e suas transformações significativas e evite a “visão anedótica”.

A leitura bourdieusiana tece considerações sobre o papel do Estado moderno na concessão de títulos escolares, que concorre para a reprodução de desigualdades sociais. Comumente se observa que “Bourdieu ressalta que as diferenças culturais entre os alunos das diversas classes sociais seriam menos evidentes nos ramos mais elevados do sistema de ensino” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p.35), pelo fato de o sistema de ensino superior selecionar os melhores alunos das classes desfavorecidas. No entanto, em *La noblesse d'état* Bourdieu refina e aprofunda a sua crítica “sócio-lógica” em relação ao caráter democratizador do sistema de ensino público na França, indicando as estratégias de distinção social colocados em marcha nas *grandes écoles*.

Considerações finais

Ao analisar a cultura escolar das *grandes écoles* e de suas classes preparatórias, Bourdieu pretere a seleção e ordenação dos conhecimentos a serem ensinados e dá foco na definição e, sobretudo, no processo de interiorização de um *habitus* de elite. O exemplo mais claro é a lógica dos exercícios ascéticos próprios das instituições escolares distintas, que podem ser realizados por meio do aprendizado das línguas clássicas, como nos colégios jesuíticos, ou do ensino de matemática, no mundo contemporâneo. O que importa é o exercício sistemático que inscreve na subjetividade dos alunos um “ascetismo aristocrático”, estilo de vida da elite dirigente. Mediante um processo de “separação agregativa”, os alunos que freqüentam as *grandes écoles* são treinados a interiorizar um *habitus* específico, que fica inscrito, de forma sutil e permanente, nas suas subjetividades. A leitura bourdieusiana da cultura escolar das *grandes écoles*, portanto, está sempre transversalizada pelo caráter de classe social.

Em *La noblesse d'état*, Bourdieu procura compreender a construção das frações da elite dirigente francesa a partir de sua visão polimorfa de capital. Procurando ultrapassar a visão economicista do capital, o sociólogo francês usa os conceitos de capital cultural, capital social e capital simbólico para ler as estratégias de distinção social colocadas em movimento nas *grandes écoles*. O poder simbólico é lido em diversos “atos de consagração”

nas *grandes écoles*, desde a aprovação no concurso geral até a concessão do diploma, bem como no “trabalho de celebração” dos alunos egressos. A acumulação de capital social é percebida na convivência intensiva pelos alunos durante os anos de formação escolar e sua atualização é operacionalizada por meio da articulação das associações dos ex-alunos das *grandes écoles*. No entanto, apesar de considerá-lo na sua análise social, Bourdieu não explora o mundo masculino das *grandes écoles*, existente no mínimo até a década de 1970. Outros cientistas sociais vêm estudando a femininização dessas instituições escolares de elite, mas que em algumas áreas de conhecimento ainda permanecem dominadas por homens.

Em *La noblesse d`état*, o sociólogo francês investe na análise do conjunto das *grandes écoles*, considerado como um subcampo dentro do campo do ensino superior francês. O conceito de campo elaborado por Bourdieu, entendido como um microcosmo, com regras e capitais específicos, que é parte integrante do macrocosmo social, é operacionalizado para pensar o jogo e as disputas no campo do ensino superior e, particularmente, no subcampo das *grandes écoles*. E esse subcampo é estudado numa perspectiva histórica, que não é comum nas obras sociológicas de Bourdieu, especialmente aquelas da década de 1960, em parceria com Jean-Claude Passeron. Para tanto, Bourdieu utilizou diversificadas fontes escritas – em especial os necrológios publicados nos boletins das associações de ex-alunos das *grandes écoles* –, dados quantitativos e entrevistas com diferentes agentes sociais. Nesta perspectiva, *La noblesse d`état* entabulou um diálogo frutífero com alguns sociólogos, com destaque para Norbert Elias, e com alguns historiadores, contudo mantendo uma relação reservada e seletiva com a tribo de Clio. Esses avanços metodológicos possibilitaram o refinamento do seu olhar “sócio-lógico” sobre os processos sociais, imprimindo-lhes uma perspectiva temporal.

La noblesse d`état é, enfim, uma crítica contundente à meritocracia republicana na França, amalgamada, sobremaneira, a partir da chamada Terceira República. Nessa obra Bourdieu coroa a sua crítica à chamada “escola libertadora” e demonstra que, grosso modo, o sistema escolar de ensino tem contribuído para reproduzir os privilégios e as desigualdades sociais. E conclui que, com raras e miraculosas exceções, as *grandes écoles* selecionam jovens das classes dominantes e formam a elite dirigente e intelectual da França.

Referências

- BLOCH, Marc. **La société féodale, les classes et le gouvernement des hommes**. Paris : Albin Michel, 1949.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris : Minuit, 1984. (Le sens commun).
- BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d`état: grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989. (Le sens commun).
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998a. p.65-69.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora : as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998b. p.39-64.

- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo : Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers** : les étudiants et la culture. Paris : Éditions de Minuit, 1985. (Le sens commun).
- BOURDIEU, Pierre ; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre ; SAINT-MARTIN, Monique de. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.185-216.
- DALLABRIDA, Norberto. Moldar a alma plástica da juventude: a “Ratio Studiorum” e a manufatura de sujeitos letrados e católicos. **Educação Unisinos**-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, n.8, v.5, p.133-50, jan./jun.2001.
- DURKHEIM, Émile. **L`évolution pédagogique en France**. Paris : Alcan, 1938. t.II.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir** : nascimento da prisão. 10 ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1993.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, p.9-43, 2001.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**. Campinas, n. 78, p.15-36, abr.2002.
- PETTAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no Ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 76-106.
- VASCONCELLOS, Maria. **L`enseignement supérieur en France**. Paris : La Découverte, 2006. (Repères).

Recebido em setembro de 2010
Aprovado em dezembro de 2010